

POSSIBILIDADES CRIADORAS NA ESCOLA: UM OLHAR PARA OS CORPOS INFANTIS E DOCENTES NO AMBIENTE EDUCACIONAL

Diewerson do Nascimento RAYMUNDO¹, Eduardo Guedes PACHECO¹,

¹ Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)

diewersonraymundo@gmail.com; edupandeirol@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da UERGS

Resumo

O presente texto convoca ao debate sobre o tema corpo nos currículos e práticas docentes de espaços formais de Educação Infantil. Ainda em andamento, esta pesquisa se propõe a investigar de que forma os corpos de crianças e adultos têm sido considerados no ambiente escolar. Considerando nossas vivências em espaços escolares de crianças pequenas produziremos algumas “invenções” ficcionais sobre os sujeitos infantis (SCHÉRER, 2009; ARIÈS, 1986), seguidas de “perguntas”, ou seja, ações que geraram perguntas e também perguntas que poderão gerar ações. Nasce daí o desejo de, enquanto professores de artes, podermos juntamente da equipe pedagógica e das crianças, criarmos espaços de *artistagens* (CORAZZA, 2006) na escola. Entendendo primeiramente as concepções históricas e ocidentais do corpo (BRAUNSTEIN & PÉPIN, 2001) para em seguida engendramos uma forma de subverter padrões e criarmos um *Corpo-Sem-órgãos* (ARTAUD, 2017; DELEUZE & GUATARRI, 1996; LINS, 2009), pautados pela relação entre infância e filosofia (KOHAN, 2005).

INTRODUÇÃO

A partir de uma pesquisa sobre “corpo, infância e educação” em alguns buscadores de textos e dissertações, como, por exemplo, Portal Capes e Scielo, encontraremos estudos ligados à Medicina, Psicologia, Fisioterapia, Educação Física, Pedagogia e Literatura, e bem poucos vinculados às Artes. O que nos faz refletir que historicamente o lugar de fala sobre corpo na escola tem sido debatido principalmente através de condutas higienistas e proibitivas. Tal situação nos mostra que a educação, tem-se deixado influenciar, propondo cada vez menos ações em espaços externos com areia, grama e natureza, garantindo “a assepsia e segurança” dos corpos num discurso que visa atender as expectativas das famílias. No entanto, alguns dispositivos legais têm desde a década de 90 se posicionado a favor da brincadeira enquanto metodologia de aprendizagem infantil, bem como reforçando a importância de a escola promover práticas corporais que convidem as crianças a experimentarem sensorialmente outros modos de se relacionar com o mundo e com os seus pares, sendo também uma forma de aprendizagem. De acordo com os *RCNEI* (1998), volume 3 que trata sobre *Conhecimento de Mundo*, o corpo e o movimento infantil são considerados a partir de duas dimensões: uma expressiva e outra ligada à coordenação motora. O documento também se propõe a aprofundar as possibilidades de leitura do movimento infantil enquanto elaborações feitas pelas crianças a partir de diferentes necessidades, modos de agir sobre o mundo presentes em diferentes culturas ao longo da história da humanidade. Atualmente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a partir do campo de experiência *Corpo, gestos e movimentos* se utiliza dessas três palavras a fim de orientar as relações e experiências que as crianças produzem entre si e com o mundo a partir de seus corpos, seja através de gestos, mímicas, movimentos expressivos e outros modos com que, de forma não verbal, as crianças possam expressar suas emoções e reconhecer pela via dos sentidos as sensações que chegam através da brincadeira e das relações com os seus pares.

Através da aproximação da cultura infantil da escola em que a pesquisa ocorrerá, pretende-se investigar sobre como os corpos (discentes e docentes) atuam nos espaços de EI, tendo como um eixo importante, problematizar sobre a(s) concepção(ões) que professores e professoras têm sobre o corpo da infância e sobre seus próprios corpos no contexto educacional. Experimentando modos de ação em que os educadores afirmem a autoria de suas próprias práticas corporais, considerando suas vivências como materiais potentes à ludicidade e *artistagens* (CORAZZA, 2006) na criação de jogos e brincadeiras para crianças pequenas. Ao longo da história, o corpo é acometido por uma série de negativas, sendo os corpos infantis invisibilizados

[...] mais ou menos como fantasmas, das quais não se falava, que quase não se enxergava e que, por isso mesmo, também, não incomodavam ninguém. As tais pequenas viviam soltas pelos lugares: comiam e bebiam do jeito que dava; dormiam onde tivesse uma beirada; vestiam-se com as roupas que eram jogadas fora; circulavam no meio do passeio público, nas lojas, nos mercados, junto com os gatos, patos, galinhas, porcos, cachorros, cavalos, vacas e bois. (CORAZZA, 2002, p. 58)

Para Ariès (1986), o sentimento de infância enquanto grupo de indivíduos que requeriam uma atenção específica começa a mudar a partir do século XVIII com o Iluminismo, a sociedade começa a pensar e agir com maior ênfase à racionalidade, destacando o saber científico como um movimento que se opõe a fé. Afastando-se do entendimento de que os acontecimentos se davam pelo desejo de uma entidade superior e passando a delegar ao homem maiores responsabilidades sobre seus feitos, cria-se espaço para uma transformação educativa.

Trazendo para nossos dias atuais, como temos percebido a participação e diálogo dos corpos infantis nas escolas? Fazendo um adendo ao desejo de liberdade e de rompimento com os modelos e expectativas que vampirizam nossos pensamentos, Artaud com sua perspectiva de Corpo-Sem-Órgãos nos convida a inventarmos uma linguagem própria, pela qual possamos criar e inventar ao mesmo tempo em que nos alimentamos de nós mesmos. Adaptando ao contexto de educação infantil a partir das colocações de Artaud, temos nos questionado sobre de que modo possa ser possível “[...] gerar condições para uma ruptura na forma tradicional de pensarmos essa tarefa [ensinar e aprender] [...]” (KOHAN, 2005, p.183), considerando o corpo como conteúdo para possibilitarmos aos educadores a invenção de suas próprias formas de estar e aprender junto das crianças. Ainda não temos respostas. Há até o momento muitas “perguntas” que nos movem a continuarmos investigando os corpos que perpassam o ambiente escolar infantil, sejam eles infantis ou adultos.

MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa ocorrerá em uma escola de educação infantil de cunho privado na cidade de Viamão, a qual receberá no segundo semestre de 2019, oito encontros desdobrados entre ações formativas para os educadores e também vivências com crianças entre 3 a 5 anos e 11 meses. Ao estar mais próximo dos educadores desejamos suscitar modos de pensar o ensino de arte de uma forma mais plural, que produza diálogos com o universo plural das crianças. Para tanto, pretendemos experimentar a inserção de reproduções de obras de arte, esculturas, sons e elementos audiovisuais (diversidade de linguagens artísticas) para elaboração de práticas corporais que incentivem e desenvolvam a percepção corporal dos envolvidos. Propondo uma investigação que seja atravessada pelas poéticas que o inventar pode produzir. Enfatizar ações que evoquem o convite diário feitos pelas crianças aos adultos para brincarem de devir, de *artista*, de poetizar, de improvisar, etc.; convites que por vezes passam despercebidos, à margem, desprezados e inaudíveis às orelhas e olhos dos grandes. Como metodologia adotaremos a pesquisa Cartografia, de caráter qualitativo, inicialmente elaborada por Gillès

Deleuze & Félix Guatarri e mais recentemente comentados por Passos *et al* (2015). Acreditamos que a pesquisa qualitativa de inspiração cartográfica possa oferecer maior flexibilidade às descobertas e acontecimentos que surgirão no decorrer da elaboração da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como mencionado anteriormente, a pesquisa ainda está em fase inicial, neste momento aproximando-se de referências bibliográficas para em seguida conhecer o espaço escolar a ser pesquisado, e posteriormente elaborarmos proposições de vivências juntamente dos educadores e das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a realização desta pesquisa contribuirá para que pedagogos, supervisores e diretores de escolas, educadores físicos e demais interessados possam se aproximar de uma perspectiva que vive, pensa e age na escola infantil através da criação, da invenção, da ludicidade e da brincadeira, tudo isso compreendido enquanto fenômenos que acontecem com e pelo corpo. Por isso, é importante esclarecer que esse trabalho só poderá existir na coletividade. Não será um pesquisador que atuará na escola, mas uma escola que adentrará e atuará na vida de um pesquisador.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ARTAUD, Antonin. *A perda de si: cartas de Antonin Artaud*. Tradução Ana Kiffer e Mariana Patrício Fernandes. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf . Acesso em: 19 de abril de 2019.

BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Volume 3 Conhecimento de Mundo. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRAUNSTEIN, Florence & PÉPIN, Jean-François. *O Lugar do Corpo na Cultura Ocidental*. Coleção Epistemologia e Sociedade. N. 162. Instituto Piaget: Lisboa, Portugal. 2001.

CORAZZA, Sandra Mara. *Artistagens: filosofia da diferença e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CORAZZA, Sandra Mara. *Infância & Educação – Era uma vez – quer que conte outra vez?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Jorge (Dir.). *História do corpo: da Renascença às Luzes*. V.1. Tradução de Lúcia M.E. Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DELEUZE, Gilles & GUATARRI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Volume 3. Tradução Aurélio Guerra Neto *et all*. Coleção TRANS. Rio de Janeiro: Editora34, 1996.

KOHAN, Walter Omar. *Infância. Entre Educação e Filosofia*. Coleção Educação, Experiência e Sentido, V. 3. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LINS, Daniel. *Antonin Artaud: o artesão do corpo sem órgãos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SCHERER, René. *Infantis: Charles Fourier e a infância para além das crianças*. Coleção Educação, Experiência e Sentido. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.